

HIGIENIZANDO MERETRIZES: TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE DE UM MANUAL DE CONDUTA SANITÁRIA PARA CASAS DE PROSTITUIÇÃO (1839)

Sara Fernanda Zan¹; Heloísa Raquel da Silva²; Anelisa Mota Gregoleti³; Gabrielle Legnaghi de Almeida⁴; Nathália Moro⁵; Rodrigo Perles Dantas⁶.

¹Acadêmica do Curso de História-Sede, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Bolsista do Programa Residência Pedagógica – UEM. zansaraf@gmail.com

²Acadêmica do curso de História-Sede da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). E-mail: heloraqueldasilva@gmail.com

³Doutoranda do curso de História da Universidade Estadual de Maringá (UEM). de E-mail: agregoleti@gmail.com

⁴Acadêmica do Curso de História-Sede, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Bolsista do Programa Residência Pedagógica – UEM. .E-mail: glegnaghi@gmail.com

⁵Mestranda do curso de História da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: nathaliamoro@hotmail.com

⁶Acadêmico do Curso de História-Sede, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). rodrigodantas789@gmail.com

RESUMO

A transição para a Idade Contemporânea foi marcada, entre outras coisas, por uma revolução médica. É durante o final do século XVIII e todo o século XIX, que surgem diversas correntes, manuais e regulamentações que tem como foco analisar e promover a saúde física, social e moral das sociedades. Neste processo, o corpo feminino é uma personagem primordial enquanto auxílio ao projeto higienizador burguês. A prostituta, como transgressora do que foi considerado saudável para a mulher, foi alvo de diversos estudos e teve seu comportamento classificado, estigmatizado, normatizado e regulamentado. Junto a isso, tem-se, neste período, uma grande preocupação com as doenças venéreas que, desde o século XIV, assolavam a Europa e o mundo, causando milhões de vítimas. Através da transcrição e análise da fonte documental *Methodo de atalhar a propagação da Syphilis nas casas publicas de prostituição, estabelecendo regras policiaes regulamentares em harmonia com os novos costumes, instituições, tendentes a melhorar a saude e a moral publica*, datada do ano de 1839 pretende-se, com este estudo, contextualizar o corpo da prostituta enquanto agente de dispersão de doenças físicas e morais.

PALAVRAS-CHAVE: História das Ciências da Saúde, higienismo, sífilis;

1 INTRODUÇÃO

Ao final do século XVIII, já havia, na população, a convicção de que saúde e doença eram fenômenos de grande importância para os indivíduos, a comunidade e o corpo político (Rosen, 1994: 111). Neste contexto, a classe médica, aliada ao Estado, e persuadida pela mentalidade burguesa, passou a definir quais as formas de normatizar, higienizar e otimizar

a vida e o trabalho da população, fazendo uso da ética, disciplina e propostas higiênicas cada vez mais arraigadas nos lares e estabelecimentos.

Durante a Era Contemporânea, com o desenvolvimento de ciências como a craniometria, e a valorização dos números, surge a Ciência da diferença. Esse ramo da ciência se dedicava, exaustivamente, a propor e comprovar as diferenças entre homens e mulheres, brancos e negros e europeus e não-europeus. Segundo Gould, os racistas e sexistas que conduziam essas pesquisas, partiam do princípio de que a estratificação social era mero reflexo da biologia. As conclusões não eram fruto de análise documental, mas sim, de seus próprios preconceitos (Gould, 1999: 74).

Além disso, a medicina no século XIX se uniu ao Estado e, juntos, desenvolveram um discurso taxativo, que classificava indivíduos e condutas como “normal” ou “anormal”. Tudo aquilo que contrariasse as normas sociais estabelecidas, era rapidamente estigmatizado como “anormal”. Idealizou-se um projeto higiênico persuasivo e a premissa era convencer as famílias de que a saúde e a prosperidade dependiam da sua submissão ao Estado (Pinto, 2009: 27).

É nesse período que o corpo da mulher é submetido à Ciência e descobre-se nele grande potencial como chave para o projeto higiênico burguês. Segundo Engel, é quando transformada em “mãe higiênica”, que a mulher se tornava aliada ao médico na viabilização desse projeto (Engel, 1989: 44). Ao dotar o corpo feminino de intensa sexualidade, teoricamente baseada na necessidade e vocação para procriar, tem-se um ser volátil, influenciável e, portanto, carente de tutela.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para compreendermos de que forma o corpo da mulher e, principalmente, o da meretriz, foi analisado, classificado e submetido a diversas regulamentações, utilizamos a fonte documental inédita *Methodo de atalhar a propagação da Syphilis nas casas publicas de prostituição, estabelecendo regras policiaes regulamentares em harmonia com os novos costumes, instituições, tendentes a melhorar a saude e a moral publica*, datada do ano de 1839. Esse manual foi produzido por um médico português como forma de, não somente alertar para a crescente dispersão da sífilis, mas também classificar a prostituição como a grande responsável pelos males sociais. Realizamos a transcrição do manuscrito e uma análise geral dos tópicos que o autor considera primordiais, como a classificação das prostitutas e, consequentemente, qual seu nível de inserção e periculosidade para a sociedade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O foco dado à mulheres e crianças tem relação com o que o Foucault descreve em História da Sexualidade I como “quatro grandes conjuntos estratégicos” que elaboram formas de saber e poder quando o assunto é sexo, são eles: a histerização do corpo feminino; a pedagogização do sexo da criança; a socialização dos modos de procriação; e a psiquiatrização e, consequentemente, a patologização do prazer classificado como perverso. (Foucault, 1988: 98)

Além da mulher-mãe-esposa, outro grande foco do higienismo foram as prostitutas. É no início do século XIX que surgem as primeiras teses médicas tratando exclusivamente sobre prostituição, o que, devido à grande religiosidade presente em todos os âmbitos da vida moderna, causava certo desconforto. Entretanto, apesar da repugnância contra a prostituição, era necessário estuda-la, para que fosse possível minimizar os seus “males” e controlá-la (Engel, 1989: 66).

Segundo os médicos, a livre manifestação do desejo, que seria o excesso de prazer, sem finalidade reprodutiva, poderia causar a destruição do organismo. A prostituta, enquanto praticante de uma sexualidade pervertida, era instrumento da destruição da sociedade (Engel, 1989: 72). A única sexualidade saudável seria a matrimonial, visando a reprodução.

Para além disso, havia a preocupação em regular a prostituição enquanto dispersora de doenças venéreas, com foco para sífilis. Os higienistas a comparavam com outras doenças epidêmicas, porém, era vista como mais perigosa, já que se apresentava através do prazer e escondia sua verdadeira face, a morte (Engel, 1989: 75). Justamente por isso, os médicos do período a descreviam como enfraquecedora da força de trabalho e destruidora de gerações.

O projeto normatizador teve como característica a proposição de medidas de caráter policial e higiênico, que buscava identificar, classificar e até mesmo isolar as prostitutas de forma rígida, submetidas aos médicos higienistas. Os mecanismos de repressão se deram de forma médica, através da prevenção da sífilis e outras doenças e de forma moral (Pinto, 2009: 12). A repressão moral se deu através de medidas como a proibição de aparecer nas janelas ou portas.

4 CONCLUSÃO

É possível perceber, através da leitura bibliográfica, como a medicina se fez presente de forma incisiva no cotidiano urbano, através de medidas regulamentares, policiais e higiênicas que penetraram no imaginário popular da sociedade moderna. As prostitutas, neste contexto, foram classificadas, estigmatizadas e culpabilizadas por uma série de doenças venéreas e também, morais. A partir da fonte documental, nota-se os mais diversos meios de contenção e controle do corpo feminino, seja através de consultas obrigatórias e periódicas ou até mesmo de um rígido sistema de gestão urbana.

Referências

- ENGEL, M. Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890).** 1^a edição, São Paulo: Editora Brasiliense, São Paulo, 1989.
- FOUCAULT, M. História da Sexualidade I: A vontade de saber,** tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- GOULD, S. J. A Falsa Medida do Homem.** 2^a edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PINTO, A. R. S. “A PESTE DO MERETRÍCIO”: uma abordagem sobre o controle da prostituição em São Luís no início da República (1890-1920).** Monografia, São Luís: 2009.

ROSEN, G. Uma História da Saúde Pública. 2^a edição. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 1994.